



A Recepção da telenovela por jovens de classe popular e média: um estudo comparativo das leituras da desigualdade e da ideologia do mérito ¹

Juliano Florczak ALMEIDA²
Gabrielli Siqueira DALA VECHIA³
Sarah Oliveira QUINES⁴
Veneza Mayora RONSINI⁵
Universidade de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O texto realiza uma análise comparativa das mediações da escola e da família na recepção da telenovela e no consumo de televisão por jovens de classe popular e de classe média. A partir da relação deles com o consumo de mídia e as mediações da família e da escola, apontamos as leituras que são feitas acerca da desigualdade e da pobreza, além da apropriação da ideologia do desempenho em cada uma das classes.

PALAVRAS-CHAVE: mediações; televisão; telenovela; consumo.

Introdução

Nosso objetivo é compreender as relações entre as representações da pobreza e da desigualdade nas telenovelas exibidas no horário nobre (novela das oito) e a reprodução da ideologia do desempenho, com base na análise comparativa da telenovela e das apropriações efetuadas por 20 jovens de classe popular, 12 meninas e oito meninos, com idades entre 15 e 18 anos, sendo três negros e 17 brancos; e por 20 jovens de classe média, 11 meninas e nove meninos, 19 brancos e um negro, na faixa etária dos 14 aos 18 anos. Além disso, propomos uma comparação entre os resultados apresentados para cada uma das classes a respeito do consumo de mídia e de sua relação com a família e a escola.

Os pressupostos aqui apresentados se referem ao papel da cultura na reprodução e contestação social, especificamente à importância dos aparatos tecnológicos de comunicação nos modos de classificação dos grupos sociais que, por sua vez, definem as relações sociais e culturais que se estabelecem entre eles. Essas relações sociais,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Ciências Sociais da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq, email: juliano-florczak@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, bolsista PET SESu/MEC, e-mail: gabriellidalavechia@yahoo.com.br.

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, bolsista IC/CNPq, email: sarahquines.jornal@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da UFSM, bolsista produtividade CNPq, e-mail: venezar@gmail.com.



elaboradas em cada pensamento individual com base nas formas simbólicas produzidas pela mídia, contribuem para definir e reproduzir um modo de vida. A atividade do receptor na interpretação de gêneros, discursos e programas televisivos não é tomada *a priori* como um ato de resistência, mas é formalmente analisada como tendo três possibilidades de leitura: hegemônica, negociada e/ou opositiva a fim de evitar o reducionismo dos estudos de recepção em afirmar somente a capacidade crítica da audiência.

A análise de Jessé Souza sobre a naturalização das desigualdades em uma sociedade periférica como a brasileira é de fundamental importância para nosso trabalho, pois nos ajuda a visualizar os operadores simbólicos que permitem a cada um de nós na vida cotidiana hierarquizar e classificar as pessoas como dignas de nosso apreço e de nosso desprezo e, assim desvelar as formas opacas e distorcidas assumidas pela luta de classes (2003, p. 39 e 41). Em outros termos, o autor desmascara a “ideologia do desempenho” como pedra angular do processo de legitimação da desigualdade. A ideologia do desempenho baseia-se na tríade meritocrática que envolve qualificação, posição e salário, estimulando e premiando a capacidade de desempenho objetiva, “mas também legitimando o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos”. É assim que os setores que não cumprem com os papéis de produtor e cidadão são vistos como fracassados e adquirem um *status* subumano (2003, p. 168-174).

Partindo da problemática da construção do consentimento, em *Leitura Social da Novela das Oito*, Ondina Fachel Leal (1986) empreende um dos primeiros estudos de recepção realizados no Brasil que enfatiza a articulação dos sujeitos-receptores com o âmbito da cultura (JACKS & ESCOSTEGUY, 2005, p.84). O estudo desta autora vai ao encontro do que está sendo trabalhado neste artigo em pelo menos dois aspectos. Primeiramente, por considerarmos “a situação de classe um *locus* privilegiado de significação” (Leal, *op. cit.*, p.13). Em segundo lugar, por procurar comparar as reelaborações de um mesmo bem simbólico por pessoas que ocupam posições estruturais distintas (*ibid.*, p.14). Em seu trabalho, Leal (*ibid.*, p.84-5) conclui, a partir dos dados empíricos, que o “recontar” da telenovela entre as famílias pertencentes às classes populares é distinto do verificado nas famílias de classe dominante, questionando o pressuposto frankfurtiano da massificação cultural. Assim, apesar de concordar que há um vínculo entre um sistema de produção de símbolos e um modo



social de produção, compreende que sejam diferenciadas as decodificações de um bem simbólico, pois este adquire novos significados ao perpassar um sistema cultural.

Como a mídia participa desta representação do mundo social? Até aqui ensaiamos uma resposta provisória embasada no que conseguimos observar do exame da telenovela e dos dados já apurados da pesquisa de campo, mediante a entrevista, o formulário e a observação participante: ela oferece às classes populares e à classe média a ilusão de que todos podem ascender mediante o mérito pessoal, apesar das circunstâncias.

A escola e a família interferem nas leituras e usos da telenovela pelos jovens de dois modos, respectivamente, pela denegação e pela integração da mídia no cotidiano. A primeira desabona as potencialidades da cultura audiovisual e, subutilizando os meios como recurso pedagógico para aquisição de destrezas cognitivas, gera uma dicotomia entre educação e prazer na qual o entretenimento sai vencedor, pois, mesmo nos casos em que o tempo dedicado a ele é menor, a escola é vista como uma obrigação necessária para o futuro - a sobrevivência material (classe popular) ou carreira prestigiosa (classe média) - e um empecilho para gozar a vida no presente; a segunda integra a televisão na rotina doméstica de forma permissiva ou desatenta sem estabelecer limites quanto ao tempo despendido e sem debater os conteúdos veiculados.

A articulação da complexidade analítica requerida para o estudo abrangente da recepção/consumo da mídia se dá mediante o modelo teórico das mediações de Martín-Barbero (2002; 2008) onde o exame das mediações (categorias de análise) da socialidade, da ritualidade e da tecnicidade é realizado, respectivamente pelo estudo de caso, pela etnografia e pelo modelo encoding/decoding de Stuart Hall (2003 a e b). Neste trabalho, fizemos um recorte no estudo maior e utilizamos a parte metodológica compreendida pelo estudo de caso e pelo modelo de Hall. O estudo de caso foi realizado a partir da técnica de entrevista⁶ e da aplicação de um formulário.

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas (YIN, 2001, p. 32 apud DUARTE, 2005, p. 216).

⁶ A entrevista aplicada pode ser definida como uma combinação da entrevista estruturada, devido às perguntas idênticas aplicadas a todos os entrevistados, com a entrevista semi-estruturada. (DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.)



1. Leituras da pobreza e da desigualdade e ideologia do mérito na novela

A compreensão da leitura da pobreza e da desigualdade na telenovela e sua ligação com a reprodução da dominação de classe mediante a assimilação da ideologia meritocrática consistiu em três etapas analíticas nas quais os entrevistados foram classificados em críticos (leituras opositivas), medianamente críticos (leituras negociadas) e acríticos (leituras preferenciais). O grau de criticidade quanto às leituras das representações da pobreza/desigualdade veiculadas pela tevê, baseou-se na análise de: 1) três afirmações, com as quais os entrevistados concordavam ou discordavam, acerca do mérito pessoal para a ascensão social/riqueza e das chances dos pobres para a ascensão social em comparação com as demais classes; 2) cinco categorias que abrangem 22 perguntas sobre a intervenção governamental para diminuir a desigualdade e o desemprego, o modo de vida de ricos e pobres e a causa da pobreza; 3) três categorias, que agrupam 26 questões sobre a televisão, a saber: as representações da pobreza no telejornal, da pobreza e da riqueza na telenovela e das representações da pobreza e riqueza na vida cotidiana comparadas com as da telenovela.

Ainda foi realizada uma análise específica das relações entre telenovela e ideologia meritocrática, considerando: a) todas as respostas acerca das relações entre as classes nas novelas, trajetória de personagens, do recontar a história da telenovela preferida; b) os sonhos que manifestaram relacionados à assistência da televisão.

A visão de mundo crítica ou opositiva é entendida como a capacidade de perceber as causas estruturais da pobreza/desigualdade em detrimento das capacidades individuais para evitá-la ou superá-la; uma visão de mundo medianamente crítica ou negociada se caracteriza pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais; e uma visão acrítica ou dominante é aquela que atribui ao indivíduo total responsabilidade acerca da posição de classe na hierarquia social.

Acerca da reprodução da pobreza/desigualdade e da meritocracia e sua relação com a telenovela, conclui-se que não há posição de leitura opositiva na classe popular em relação à ideologia meritocrática, posto que a única jovem, que manifestou uma posição opositiva nas respostas obtidas por meio da entrevista, manifesta-se de forma negociada na etnografia, tal como outros quatro jovens com decodificações opositivas das representações da pobreza e da desigualdade e com representações negociadas acerca do mérito.

Os jovens de classe popular, com decodificações negociadas ou opositivas acerca da desigualdade e da pobreza na telenovela, por um lado, não manifestam tanto



interesse em comentar os aspectos glamorosos do estilo de vida dos ricos (roupas, luxo, viagens) e destacam a atitude arrogante, o uso e o abuso do poder; por outro lado, reivindicam outra posição para os personagens humildes que não seja a de servir aos ricos e poderosos.

As leituras negociadas feitas pela classe média acerca da desigualdade e da pobreza na telenovela admitem que o estilo de vida dos ricos é realista e afirmam a dignidade da classe média diante dos problemas, da arrogância, da ambição e do materialismo da outra classe. A ficção referenda as distinções que se manifestam na vida cotidiana, de modo que a classe média afirme a legitimidade de seu estilo de vida diante de características negativas dos ricos. A vida “simples” tem um efeito consolador diante do ressentimento manifesto pelos bens de consumo, pelo vestuário, pelas residências luxuosas e o amor romântico é valorizado em contraposição à infelicidade amorosa dos ricos. O amor romântico também funciona no sentido de dissolver os conflitos de classe, pois ele une o que a sociedade separa.

Em relação às decodificações das representações da desigualdade e da pobreza na telenovela, o resultado da classe popular difere do encontrado para a classe média, posto que as posições de leitura dos jovens de classe média são negociadas ou preferenciais (19, quando somadas) enquanto a dos de popular são negociadas ou opositivas (14 quando somadas).

Os jovens de classe média pouco criticam os modos de ascensão pelo casamento ou pelo trabalho e competência apresentados na ficção televisiva (quatro dos oito que efetuam leituras negociadas e o único jovem crítico contesta essa fórmula) e o estilo de vida da classe alta (profissões, viagens, roupas, casa, carros) é o ideal a ser atingido pela maioria. O jovem que lê a novela criticamente, considerando uma trama sem base na realidade, é o único que não manifesta os sonhos de consumo dos demais, inspirados na televisão. Entretanto, os programas do canal *Discovery* despertaram nele o desejo de se tornar engenheiro.

2. Consumo de mídia nas classes média e popular: similaridades e diferenças

Entender o consumo de bens culturais como um sistema de rituais que dão sentido às experiências cotidianas ajuda a esclarecer o modo como a audiência se relaciona com determinado meio, programa, mensagem ou gênero. É com esse intuito que discorreremos sobre o consumo dos meios de comunicação, subdivididos em três categorias: mídia impressa, mídia audiovisual e livro. Na classe popular, a falta de



opções de lazer e o tamanho das residências propiciam a reunião da família na hora da novela e a assistência diária conjunta a programas televisivos, incluindo o fim-de-semana. Os meios de comunicação menos acessíveis são, em primeiro lugar, a TV a cabo, presente em apenas três lares; em segundo lugar, o computador.

Na categoria audiovisual, estão inseridas as questões relacionadas aos canais de TV, emissoras de rádio e gêneros televisivos favoritos, as três principais atividades para as quais usam a internet, o tipo de internet que possuem em casa, o local de acesso ao computador e se possuem computador e TV a cabo. Na divisão da mídia impressa, as perguntas se referiam aos jornais e revistas que lêem, e às revistas que gostariam de assinar. No tópico sobre livros, foram questionados acerca dos livros e autores que lembram, e ainda sobre quais livros comprariam e que autores leriam.

O canal de TV que foi mais citado tanto pelos jovens da classe média (CM) quanto pelos da classe popular (CP) foi a Rede Globo. Os entrevistados classificados como acrílicos de ambas as classes não possuem TV por assinatura. O filme é o gênero favorito na CM e na CP. Uma peculiaridade é a de que, enquanto na CM os jovens acrílicos e críticos empataram na escolha do esporte em 2º lugar, os jovens acrílicos da CP situam o esporte empatado com o filme na 1ª posição.

Além da televisão, os jovens de classe popular são envolvidos por um entorno midiático mais restrito que a classe média porque apenas três possuem TV a Cabo e mais da metade deles nunca foi ao cinema. Outra diferença diz respeito ao consumo de jornais e revistas, pois os jovens de CP lêem mais jornal enquanto os jovens de classe média lêem mais revista. Lê-se pouco na classe popular e o consumo de livros é mais ou menos equivalente em ambas as classes.

A Rádio Atlântida FM é a emissora mais citada na CM e na CP e a Medianeira FM ocupa o 2º lugar nas duas também. A diferença está nas emissoras Nativa e Gaúcha, sendo que aquela foi citada na CP e esta, na CM.

As três atividades para as quais os jovens da CP mais usam a internet são o Orkut, MSN e trabalho. Na CM, as duas primeiras atividades são recorrentes, já a terceira é trocada pela música. Quanto ao computador e ao cinema vale observar duas notas. O computador é muito mais acessível à classe média, dos 20 entrevistados todos possuem computador contra 12 de classe popular. Dezoito jovens de classe média possuem ADSL, um tem internet discada e apenas um não possui acesso à *web*, enquanto apenas oito jovens de classe popular possuem acesso à internet em suas residências, sendo que quatro possuem banda larga e quatro, acesso discado.



O jornal Diário de Santa Maria é o mais lido pelas três criticidades nas duas classes. Os jornais A Razão e Zero Hora também foram citados na CP e na CM. Na CP, a diferenciação no consumo da mídia impressa se dá na parte quantitativa, já que críticos e medianamente críticos tem uma frequência predominantemente alta de leitura e os acrílicos se dividem entre uma frequência alta e média (60%) e baixa (40%).

Quanto ao livro, as preferências em comum na CM e na CP são os *best sellers* internacionais, literatura nacional e livros de autoajuda. A diferença entre as duas classes é a presença de livros espíritas na classe popular.

Quando comparamos a frequência do consumo de todas as mídias consideradas (TV, rádio, cinema, computador, DVD, livro, revista e jornal) percebemos que: a frequência do uso da TV e do DVD é ligeiramente maior na classe média; a frequência do consumo de livro e revista é ligeiramente maior na classe média; a frequência no consumo de jornal é significativamente maior na classe popular; os índices quantitativos de consumo de rádio, computador e cinema são mais ou menos equivalentes nas duas classes. Os índices de frequência de leitura de livro e revista não surpreendem, já que a classe média tem melhores condições econômicas para assinatura de revistas e para aquisição de livros. Por outro lado, a frequência de leitura de jornais pela classe popular decorre da acessibilidade deles nas bibliotecas das escolas.

3. A mediação da escola

Quanto às instituições escolares frequentadas, na classe popular, nove estudam em escola tradicional e 11 em escola com menos tradição de ensino. Já na classe média, 11 entrevistados estudam em três escolas públicas (duas estaduais e uma federal) tradicionais em termos de experiência e qualidade do ensino, sendo um deles em escola federal de cunho profissional. Três estudam em duas escolas públicas menos tradicionais e os outros seis estudam em escolas particulares, sendo cinco em instituições confessionais católicas e um em instituição laica. Assim, quase a totalidade (17) dos jovens de classe média tem acesso a escolas de longa tradição em ensino público ou privado de qualidade, mesmo que se admita a crise da escola pública. O prestígio das escolas particulares e das públicas decorre do crédito delas em termos de organização, infra-estrutura e índices de aprovação no vestibular.

Em ambas as classes, o que é mais valorizado na escola são as relações sociais entre colegas e amigos, sendo pouco citado (quatro vezes na classe média e três na classe popular) aspectos da escola como aprendizado de conteúdos e de valores ou a



organização do ambiente escolar. Prefere-se tudo o que ocorre ou que tem mais oportunidade de se manifestar fora da sala de aula, nos ambientes reservados para o encontro e para o afeto: amizade, conversas, atividades culturais como dança, apresentações, ensaios da banda escolar e festas. Quando perguntados sobre o que menos apreciam na escola, 14 jovens de classe média e 10 de classe popular reclamaram da rigidez na hierarquia e nas normas disciplinares, do sistema de avaliação pedagógico e dos métodos de ensino considerados ultrapassados. Tais respostas mostram a crescente legitimidade da mídia, a despeito de uma valorização da escola como lugar de formação para a carreira profissional. Trata-se de um confronto entre campos, em que a lógica do espetáculo da sociedade do entretenimento acaba sendo imposta aos outros espaços de luta (BOURDIEU, 1997, p.101-102). Dessa forma, é compreensível que os meios de comunicação sejam lembrados por vários entrevistados ao apontarem as justificativas para a juventude estudar pouco tempo hoje em dia.

Merece destaque ainda o fato de que outros seis entrevistados de classe média mostraram-se descontentes com o relacionamento entre colegas, motivados por conflitos de classe, étnico ou de gênero: discriminação dos menos aquinhoados, dos negros e dos homossexuais – aspecto levantado por apenas dois entrevistados de classe popular. Na classe popular, houve três respostas que se queixaram de problemas na infra-estrutura da escola. Há, ainda, dois jovens da classe popular que se manifestaram desgostosos com as atitudes de seus colegas não disciplinados, uma jovem que disse gostar de tudo da escola e dois que não responderam.

As funções mais citadas, tanto em uma quanto na outra classe, que seriam assumidas pela escola atualmente foram a preparação para o vestibular e para obtenção de emprego.

Em outra pergunta, questionou-se quais os fatores que atrapalham as relações sociais entre alunos ou entre alunos e professores. As opções podem ser agrupadas em conflitos ligados a questões de classe (“morar em um bairro violento”), problemas identitários da fase juvenil (aparência, popularidade entre colegas) e dilemas da vida escolar propriamente dita (autoridade do professor, desempenho acadêmico). Observou-se que, em ambas as classes, os desafios gerados pelo embate entre jovens de posições sociais distintas foram, relativamente, os fatores mais citados, sendo, contudo, um pouco mais freqüente entre os jovens de classe popular.

Percebeu-se que a carreira desejada pelos entrevistados das duas classes representa ascensão em relação à posição ocupada por seus pais na hierarquia social. Os



jovens de classe média, independente de seus graus de criticidades, almejam formar-se em cursos superiores concorridos, signos de rendosas profissões. Já entre os integrantes da classe popular, as aspirações profissionais, apesar de significarem ascensão social, podem não exigir a passagem pelos bancos universitários – como no caso de pretensões de cargos técnicos ou de posições no setor do comércio ou serviços –, ou almejar cursar faculdades cuja concorrência não é tão expressiva. São os anseios particulares tolhidos pela contingência.

Entretanto, no que tange às perspectivas profissionais, os jovens de classe popular que lêem criticamente a telenovela representam exceções. Expressaram pretensões mais ambiciosas de carreira, mesmo que em alguns casos elas não sejam a única opção: médica, atriz (famosa), militar, fisioterapeuta, advogada, veterinário. Desafiando as compreensões reprodutivistas de certas sociologias e resistindo mesmo diante das repetidas provas das falácias das promessas do liberalismo, esses populares lutam para romper com suas posições de classe, em fenômeno similar ao que evidenciou Paul Willis (1977).

Para melhor avaliar o potencial da escola enquanto mediação entre as representações televisivas e as narrativas juvenis acerca da pobreza, perguntou-se aos entrevistados qual a abordagem de seus professores da temática em sala de aula. As respostas permitiram que se buscasse classificar as concepções professorais em opositivas, negociadas ou preferenciais, bem como possibilitaram que se inquirese qual eficácia de cada um desses discursos na maneira de pensar do entrevistado. Feito isso, o passo seguinte foi procurar possíveis vinculações entre a conformação de uma consciência crítica e um entendimento docente igualmente contra-hegemônico ou correspondências entre leituras hegemônicas de professores e de alunos. Simultaneamente, foram avaliadas as possíveis ligações entre efetividade ou não dos discursos e graus de criticidade juvenis.

Fica clara a mediação da escola na criação de uma consciência crítica entre jovens de classe popular. Dentre esses, aqueles que relatam que seus professores dão ênfase nas origens estruturais da pobreza tendem a conformar uma decodificação opositiva da telenovela. Ao contrário, entrevistados cuja leitura da representação televisiva da pobreza é negociada (dentre estes, há uma exceção) ou hegemônica dizem ouvir de seus mestres ou que o fenômeno da pobreza tem sua gênese na forma de conduta dos indivíduos ou que os pobres “sofrem” com a precarização do sistema público de saúde, com a falta de alimentos – em um processo de vitimização da



pobreza. Caso estes tenham professores com discursos opositivos, mostram que não é significativo o tema para eles. É perceptível, pois, também um maior interesse pela temática entre os críticos, entre os quais há uma maior efetividade dos discursos contra-hegemônicos.

Já entre os entrevistados de classe média, todos os alunos cujos professores oferecem uma explicação estrutural discordam dos professores, justificando que já estão acostumados a ouvir “essas coisas” ou mostram indiferença em relação ao assunto. Em relação aos professores que reproduzem a ideologia meritocrática, relacionando a causa da pobreza somente à falta de instrução ou escolaridade, os alunos concordam com eles e repetem o mesmo discurso. Os pontos de vista da pobreza como vitimização ou carência geram mais comentários dos alunos, que parecem assimilá-los com mais facilidade. Finalmente, há os entrevistados que não se deixam mobilizar pelo assunto e respondem de modo totalmente evasivo à questão. Depreende-se daí que a escola tanto reproduz o discurso dominante como oferece discursos contra-hegemônicos, porém a ressonância que a escola tem entre os jovens de classe média é no sentido de afirmar ou reafirmar valores dominantes ou de mobilizá-los para a vocação assistencialista em relação à pobreza através do discurso da vitimização. Não há, portanto, evidências da mediação da escola na formação da consciência crítica dos jovens de classe média.

4. A mediação da família

A família é, para a classe popular, a situação primordial de reconhecimento dado que a identidade pessoal é mais dependente das relações de parentesco. Em condições materiais adversas nas quais o sofrimento com problemas de saúde são recorrentes e a instabilidade financeira e precariedade material afetam o presente e as expectativas de futuro, ser pai, ser mãe ou ser filho define permanentemente o que se é no bairro e na vizinhança. No que tange à condição econômica das famílias de classe popular da amostra, cuja avaliação se deu a partir da profissão do membro melhor situado, tem-se quatro pertencentes à fração baixa e dezesseis à fração média-baixa, todas urbanas. A faixa de renda varia de R\$ 511,29 a, aproximadamente, R\$ 1278,00⁷.

Já na classe média, a importância da família está em sua função de suporte afetivo, emocional e financeiro, permitindo que, na maioria dos casos, os jovens se dediquem exclusivamente ao estudo: dos 20, cinco já trabalharam, mas apenas dois

⁷ Em 2009, o salário mínimo regional do Rio Grande do Sul era de R\$ 511,29.



continuam trabalhando, um deles na empresa da própria família. A condição econômica das famílias se caracteriza por renda mensal que varia de R\$ 2500,00 a R\$ 6489,00.

A trajetória da maior parte das famílias de classe popular é um indicador da dificuldade dos trabalhadores urbanos, alguns deles filhos de trabalhadores rurais que migraram, em permanecer no emprego e da instabilidade econômica para os menos qualificados que trabalham na informalidade. A escolaridade predominante entre os pais varia do ensino fundamental incompleto ao ensino médio completo. Apenas o pai de uma jovem possui o ensino superior incompleto e as mães de duas jovens possuem ensino superior completo (Arquivologia e Licenciatura em Letras - Português). História que se repete para os filhos que não completam o ensino médio em função do primeiro emprego ou que completam e conseguem empregos que exigem pouca qualificação.

Na classe média, a trajetória da maior parte das famílias é de ascensão social, já que os pais dos jovens são oriundos de famílias de trabalhadores urbanos ou rurais de origem modesta que migraram de pequenas cidades ou do meio rural para Santa Maria ou de famílias com ocupações de classe média, como o pequeno comércio, mas que conseguiram aumentar seu capital econômico ou cultural. Diferentemente da classe popular, onde apenas duas mães possuem ensino superior completo, são 13 pais ou mães com ensino superior. Entretanto, são famílias que conseguem viver com orçamento restrito, destinado à alimentação, transporte, vestuário, informação e lazer (assinatura de jornais, revistas, TV a cabo e internet).

A educação dos filhos, nas famílias de classe popular, inclui a transmissão de valores morais como honestidade e bondade, de atitudes como respeito e cortesia nas relações pessoais, além da ênfase no esforço pessoal para a autonomia financeira no futuro. A importância dos estudos para essa autonomia é mencionada espontaneamente por apenas dois jovens. Os ensinamentos mais recorrentes dizem respeito à formação do caráter e da pessoa humana, e as mães são responsáveis diretas pela transmissão do capital cultural familiar e dos códigos de conduta à aquisição das disposições morais. Comparativamente à classe média, há duas diferenças: na classe popular, o papel preponderante na transmissão de valores pertence à mãe e a solidariedade familiar é mais importante e recorrente.

No que se refere à função da mediação familiar no processo de recepção de bens midiáticos televisivos, tem-se que os pais de todos os jovens de classe popular fazem algum tipo de comentário negativo, enquanto os pais de 16 jovens fazem comentários positivos. Os comentários negativos podem se referir tanto aos temas abordados quanto



ao modo de tratá-los, sendo mais comum que os pais critiquem a realidade evocada pela tevê e não o tipo de abordagem. Já os pais que comentam positivamente a tevê, focam no caráter “pedagógico” do veículo, na sua capacidade de ensinar algo sobre o comportamento, boas maneiras, lugares, dicas de saúde e estilos de vestir.

O impacto efetivo da família de classe popular sobre a ficção televisiva, isto é, aquele que se traduz na ação concreta de deixar de assisti-la ou de rejeitá-la pela ruptura do gênero telenovela com os mecanismos de identificação, ocorre quando a legitimidade da novela para tratar com questões da realidade é contestada. No geral, a família não controla a assistência nem a quantidade da exposição, interfere ocasionalmente no momento da assistência com comentários esparsos e sintéticos que não resultam em debate.

Já na classe média, verifica-se que em 15 lares há algum tipo de comentário negativo e, em 13, positivo. Os comentários negativos referem-se tanto aos temas abordados quanto ao modo de tratá-los, sendo mais comum que os pais critiquem a realidade evocada pela tevê (violência em excesso, principalmente). Ainda, é possível perceber que parte dos jovens refere-se evasivamente às críticas dos pais ou não as especificam, como se elas não fossem importantes ou não tivessem recebido a devida atenção do jovem no momento em que foram feitas. Os pais de classe média que comentam positivamente a tevê focam principalmente o caráter informativo do veículo, expresso por meio de boas reportagens jornalísticas e pelos documentários, e sua capacidade de reproduzir a realidade. Os canais *Discovery Channel* e *Animal Planet* são elogiados por alguns pais e seus filhos são incentivados a assisti-los.

As críticas à telenovela feitas por alguns pais são em razão de dois motivos básicos: pelas cenas de sexo e violência ou quando consideram que a trama não é realista. Apesar do discurso de reprovação, eles mantêm a atitude de assistir aos programas que rejeitam. Tal como na classe popular, as novelas de intervenção social possuem credibilidade e aprovação pela discussão de preconceitos sociais e raciais e de dramas pessoais decorrentes da doença ou da pobreza. Os jovens de classe média questionam menos as trajetórias bem-sucedidas dos personagens pobres e as soluções das tramas para os conflitos de classe.

Anotações finais

O que podemos inferir, baseados na análise do corpus e dos depoimentos dos entrevistados, sobre a importância da ficção de maior audiência da tevê brasileira nos



processos de assimilação da ideologia meritocrática é que a telenovela participa da sua reprodução. Estimamos que a preponderância de fatores individuais nas chances de ascensão e condições financeiras favoráveis presentes nas narrativas das telenovelas tendem a favorecer o obscurecimento das visões mais realistas da pobreza e da desigualdade. Essa dimensão implica o arranjo de toda uma visão de mundo e hierarquia moral, a qual só é possível compreender através do exame de múltiplas dimensões da experiência dos atores.

Em relação ao resultado total obtido na classe popular quanto à leitura da desigualdade em relação ao total da ideologia meritocrática, observa-se que a proporção de entrevistados críticos permanece a mesma, a de medianamente críticos decresce substantivamente (catorze baixa para cinco) e sobe a dos entrevistados acríticos (quatro sobe para doze), comprovando a ideologia meritocrática como fator de opacidade em relação à percepção da desigualdade brasileira, que é mais evidente para os jovens. Aqui vemos o funcionamento da ideologia dominante em termos de sua face preferencial, não negociada, na sua tarefa de justificação da pobreza e da desigualdade mediante a aniquilação da distância entre classe e personalidade.

Na CP, os jovens incorporam, parcial (leituras negociadas) ou totalmente (preferenciais), as representações do mérito na telenovela. Mesmo sendo críticos com relação às representações da pobreza na novela, compartilham da fé na ascensão social, exemplificando com algum personagem pobre que ascende socialmente pelo mérito (na vida virtual da telinha e fora da telinha) e pensam que a mobilidade social depende em grande medida da capacidade individual; mesmo desacreditando na harmonia das relações entre as classes sociais representadas na novela a maioria pensa que é possível romper com as barreiras de classe nas relações pessoais (na vida virtual da telinha e fora da telinha). Uma única entrevistada apresenta um padrão de leitura crítica no tocante à ideologia meritocrática, à ideologia meritocrática/desigualdade, à visão acerca da pobreza e da desigualdade (explicando-as a partir de critérios estruturais e históricos) e à leitura da pobreza e da desigualdade na televisão, porém, como os demais, incorpora a ideologia meritocrática pela telenovela.

Embora o falar sobre a novela signifique falar sobre a vida e sobre histórias que gostariam de viver, os jovens de CP expressam mais frequentemente um desencaxe entre personagens e as situações vividas. A narrativa é modelo da experiência humana ou do sonho desejado, mas é tensionada pela descrença na mudança de status social



diante de todas as dificuldades que observam na vida cotidiana: o trabalho dos pais, a vida escolar, os conflitos entre as classes.

Na CM, o falar sobre a novela significa falar sobre a vida porque os personagens e as situações se confundem com histórias vividas ou histórias que gostariam de viver. A narrativa é o relato da experiência humana do presente ou da experiência desejada, encaixando-se perfeitamente nas exigências dos receptores acerca da coerência dele com a realidade e da capacidade que a narrativa tem de apresentar uma história pessoal que pode ser transformada, que é imprevista e desejada para quem espera a ascensão social, o sucesso nos estudos e no trabalho ou, pelo menos, melhoria do padrão econômico do momento presente. A identificação com personagens de classe média evoca o estilo de vida atual e as relações familiares, as afinidades com características subjetivas (esforço, bom humor, etc.) da classe alta revelam também mecanismos de projeção para o estilo de vida almejado.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALL, Stuart (2003a), “Codificação/decodificação”, In Sovik, Liv, **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, UFMG; Brasília, Humanitas.

HALL, Stuart (2003b), “Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação. Uma entrevista com Stuart Hall”, In Sovik, Liv. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, UFMG; Brasília, Humanitas.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.. **Comunicação e Recepção**. São Paulo, 2005.

LEAL, Ondina Fachel. **Leitura Social da Novela das Oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Chile, Fondo de Cultura Económica, 2002.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania. Para uma sociologia da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.



WILLIS, Paul. **Learning to labor:** how working class kids get working class jobs. New York: Columbia University Press, 1977.